

## PROTESTO

Carlos de Assumpção,<sup>1</sup> Franca

Mesmo que voltem as costas  
Às minhas palavras de fogo  
Não pararei de gritar  
Não pararei  
Não pararei de gritar

Senhores  
Eu fui enviado ao mundo  
Para protestar  
Mentiras ouropéis nada  
Nada me fará calar

Senhores  
Atrás do muro da noite  
Muitos dos meus ancestrais  
Já mortos há muito tempo  
Reúnem-se em minha casa  
E nos pomos a conversar  
Sobre coisas amargas

Sobre grilhões e correntes  
Que no passado eram visíveis  
Sobre grilhões e correntes  
Que no presente são invisíveis  
Invisíveis mas existentes  
Nos braços no pensamento  
Nos passos nos sonhos na vida  
De cada um dos que vivem  
Juntos comigo enfeitados da Pátria

1 Carlos de Assumpção nasceu na cidade de Tietê, SP. Atualmente mora em Franca e tem 95 anos. Recebeu o título de cidadão francano e campineiro. Tem o título de Personalidade Negra, da Associação Cultural do Negro. Formado em Direito e Letras. Seu famoso poema “Protesto” simbolizou a ascensão e as reivindicações da intelectualidade negra do Estado de São Paulo, tornando-se referência obrigatória para as novas gerações. Foi incluído em diversas antologias em inglês, francês e alemão e, recentemente, foi teatralizado. Memórias e declamações do poeta foram exibidas no filme documentário, *Carlos de Assumpção: Protesto*, lançado em 2019, de autoria e direção de Alberto Pucheu. É membro da Academia Francana de Letras e considerado um dos decanos da literatura afro-brasileira.

Senhores  
O sangue dos meus avós  
Que corre nas minhas veias  
São gritos de rebeldia

Um dia talvez alguém perguntará  
Comovido ante meu sofrimento  
Quem é que está gritando  
Quem é que lamenta assim  
Quem é

E eu responderei

Sou eu irmão  
Irmão tu me desconheces  
Sou eu aquele que se tornara  
Vítima dos homens  
Sou eu aquele que sendo homem  
Foi vendido pelos homens  
Em leilões em praça pública  
Que foi vendido ou trocado  
Como instrumento qualquer  
Sou eu aquele que plantou  
Os canaviais e cafezais  
E os regou com suor e sangue  
Aquele que sustentou  
Sobre os ombros negros e fortes  
O progresso do País  
O que sofrera mil torturas  
O que chorara inutilmente  
O que dera tudo o que tinha  
E hoje em dia não tem nada  
Mas hoje grito não é  
Pelo que já se passou  
O que se passou é passado  
Meu coração já perdoou  
Hoje grito meu irmão  
É porque depois de tudo  
A justiça não chegou  
.  
Sou eu quem grita sou eu  
O enganado no passado  
Preferido no presente

Sou eu quem grita sou eu  
 Sou eu meu irmão aquele  
 Que viveu na prisão  
 Que trabalhou na prisão  
 Que sofreu na prisão  
 Para que fosse construído  
 O alicerce da nação  
 O alicerce da nação  
 Tem as pedras dos meus braços  
 Tem a cal das minhas lágrimas  
 Por isso a nação é triste  
 É muito grande mas triste  
 E entre tanta gente triste  
 Irmão sou eu o mais triste

A minha história é contada  
 Com tintas de amargura

Um dia sob ovações e rosas de alegria  
 Jogaram-me de repente  
 Da prisão em que me achava  
 Para uma prisão mais ampla  
 Foi um cavalo de Tróia  
 A liberdade que me deram  
 Havia serpentes futuras  
 Sob o manto do entusiasmo  
 Um dia jogaram-me de repente  
 Como bagaços de cana  
 Como palhas de café  
 Como coisa imprestável  
 Que não servia mais pra nada  
 Um dia jogaram-me de repente  
 Nas sarjetas da rua do desamparo  
 Sob ovações e rosas de alegria

Sempre sonhara com a liberdade  
 Mas a liberdade que me deram  
 Foi mais ilusão que liberdade

Irmão sou eu quem grita  
 Eu tenho fortes razões  
 Irmão sou eu quem grita  
 Tenho mais necessidade

De gritar que de  
respirar

Mas irmão fica sabendo  
Piedade não é o que eu quero  
Piedade não me interessa  
Os fracos pedem piedade  
Eu quero coisa melhor  
Eu não quero mais viver no porão da sociedade  
Não quero ser marginal  
Quero entrar em toda parte  
Quero ser bem recebido  
Basta de humilhações  
Minh'alma já está cansada  
Eu quero o sol que é de todos  
Quero a vida que é de todos  
Ou alcanço tudo o que eu quero  
Ou gritarei a noite inteira  
Como gritam os vulcões  
Como gritam os vendavais  
Como grita o mar  
E nem a morte terá força  
Para me fazer calar  
(Marília, SP, 1956)